

## Entrevista com Joel Rufino dos Santos<sup>1</sup>

Camila do Valle<sup>2</sup>

Façamos uma recuperação da identidade de professor a partir da leitura do livro *Quem ama a literatura não estuda a literatura – ensaios indisciplinados*.<sup>3</sup> Você explica o título logo na apresentação. Logo no início, há um subcapítulo intitulado “O Reino deste Mundo”. Aí encontrei, surpresa, essa que é uma referência do Alejo Carpentier.<sup>4</sup> Fiquei feliz... eu vou querer ler sobre a Rebelião haitiana. Pergunto: a formação e a prática de professores de literatura estão atentas ao fato de que o reino é o deste mundo até onde você pode observar? Na introdução desse livro você afirma não ter caído na armadilha de não levar política para a sala de aula, percebendo, nitidamente, que levar ou não a política para sala de aula já é uma decisão política... é isso que você vinha falando.

Não dá para falar no “Reino deste Mundo” sem uma, vamos dizer, sem uma reflexão filosófica ou, pelo menos, uma reflexão sobre visões de mundo. O que eu gosto no Carpentier como pensador literário, vamos chamar assim, que pensa através da literatura, o que eu gosto é essa concepção dele... primeiro a concepção materialista da existência, quer dizer, não há nada além deste mundo. Pode ser até que a gente se equivoque, pode ser que haja alguma coisa. É sempre bom não duvidar! Tem que se ter dúvida, não é? Então vamos admitir como possibilidade real que haja outro mundo.

### Você fala sobre isso... em qual livro você fala do agnóstico, do ateu?

É... para diferenciar bem as duas coisas. Mas até que provem o contrário, ou até onde a razão e o sentimento mesmo permitem a gente avançar, o que há é isso aí... o reino deste mundo. Bom, primeiro isso. Segundo, o que eu gosto nessa concepção do Alejo Carpentier é a de ligação que tem uma pessoa existente com as que existiram e com as que vão existir. Outro dia eu estava lá em São Paulo participando de um evento pela morte de um amigo meu, [...] em que várias pessoas disseram várias coisas, cada um falou de um aspecto dele e eu fiquei pensando o que eu poderia pensar de um pouco... diferente de lamentar, de sofrer, de saudade...e fui remetido a essa concepção do Carpentier. Não sei se no dia eu me lembrei dele... mas que é a seguinte: o que nos liga às pessoas que viveram e sofreram pra cacete? O que nos liga? É uma espécie de amor. Porque, o que você faz através desse sentimento que eu vou chamar de amor? Você traz a pessoa que já foi para a existência de hoje e, ao

<sup>1</sup> Entrevista concedida na casa do entrevistado, Ipanema, Rio de Janeiro, 2011. Transcrição realizada por Maria Aparecida Pires, graduada em Letras - UFRJ.

<sup>2</sup> Professora Associada de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRJ).

<sup>3</sup> Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

<sup>4</sup> Escritor que criou o conceito de “realismo mágico” no prefácio do livro supracitado.

mesmo tempo, você é levado para aquele reino onde estão essas pessoas, que não é imaterial, essas pessoas existiram um dia. Então, o que liga, eu vou dizer de outra maneira, o que liga a gente às gerações anteriores e às gerações posteriores? As pessoas que vão vir, que a gente não conhece? Por que a gente luta, sofre, enfrenta tortura, morte? Pelas pessoas que vão vir? Você não conhece as pessoas que vão vir. E com relação às pessoas do passado, também. Por exemplo, a história do Brasil, a história do mundo... é uma história de sofrimento. O que nos liga a essas pessoas? É que a gente pode trazer essas pessoas para hoje através de um sentimento. A gente sente o sofrimento delas, pronto, aí elas estão vivas, ou seja, elas estão no tempo presente. E com relação às pessoas que vão vir, também. Por exemplo, na questão do meio ambiente, que é mais fácil de ver, por que a gente luta para preservar o ambiente para as gerações futuras se a gente não sabe quem são as gerações futuras, não vai ver, não vai conhecer. Mas é uma maneira de a gente ir para lá e de elas virem para cá. Então, no final o que há é a pessoa presente, a pessoa agora, é a pessoa existente. Você existe e faz parte dessa existência, os que foram e os que virão. E a ligação, a cola entre quem vive e quem viverá, quem viveu, a cola é o amor. Por exemplo, você vê as bruxas, as mulheres que foram queimadas como bruxas na inquisição: o que tem a ver comigo hoje? É uma forma de amor que eu tenho por elas, não há outra. Porque se foram e sofreram tanto, talvez tanto quanto outros... mas o amor pode ser indefinido também, tem 'n' formas de amor. E, nesse caso, eu acho que o amor é essa cola entre as gerações. Não há outro motivo para eu estar aqui lendo um livro, por exemplo, e chorar porque uma mulher, na Baviera, foi queimada como bruxa. É esse o sentido de "O Reino deste Mundo", do Carpentier. O que há é este mundo, não há outro. E o que nos liga aos que foram e aos que virão é isso que a gente chama de amor.

### **Isso muitas vezes é referido com uma palavra que é "ancestralidade", não é?**

Pois então. Ancestralidade. Nas culturas tradicionais é ancestralidade. É ancestralidade de um destino. Você não é um, você é três. Isso é o que o pessoal de candomblé ensina. Você é a sua ancestralidade e é o seu destino. Você é três em um. É, por outra maneira de dizer, o que a filosofia do Carpentier, que aparece nesses romances, especialmente "O reino deste mundo" e "Século das luzes", que é a história de um administrador francês que é mandado para Cuba... é mandado para a América do Sul como agente plenipotenciário de Napoleão para difundir as ideias iluministas, fazer a revolução. Ele é mandado para cá para fazer a revolução e aí... as contradições que ele enfrenta. O "Reino deste Mundo" é, neste sentido, nesses dois ou três sentidos... E é interessante também que nesse romance, quem faz essa reflexão no final, quem faz essa reflexão final é um velho, bem velho, ele está tão velho que ele não consegue nem contar os anos mais, e ele olha para trás e vê todo o sofrimento que foi a independência e está vendo a chegada dos mulatos, eles chamam de mulatos; são os caras que vão "trair" a Revolução; vão, ao invés de completar o serviço da independência, eles vão sabotar, por conta da luta pelo poder, o destino da Revolução que, em última

- 372 -

instância, é o fator histórico que explica o atraso do Haiti. O Haiti deu o primeiro passo adiante na história da América e foi uma Revolução frustrada. Então, esse personagem, o Ti Noel, ele está entre essas duas... ele está ali velho, aí ele começa a fazer essa reflexão que o que há é o reino deste mundo, sou eu enquanto estou vivo e eu vou morrer, eu lutei, acompanhei Mackandal – a personagem principal – nessa luta porque é o que a gente pode fazer no reino deste mundo. Quando eu morrer não haverá mais nada porque no reino do outro mundo não tem nada para conquistar, não tem luta nenhuma para fazer, a eternidade é uma m... porque não acontece nada, então, enquanto não chega a m... da eternidade, você tem que viver no reino deste mundo. Quando eu era garoto, eu era uma criança evangélica.

### **Você foi uma criança evangélica, Joel?**

Fui. Até 12 anos, até a descrença.

### **E foi com 12 anos que ocorreu a descrença?**

12, 13. Eu não me lembro: era 12, 13.

### **Mas seu pai e sua mãe eram?**

É. Meu pai e minha mãe. Meu pai já estava saindo, mas minha mãe, primos, tios, irmãos, era todo mundo evangélico. E aí, quando falavam no céu, a imagem que eu via era todo mundo de camisolão, cantando o dia inteiro a glória de Cristo, era chatíssimo. O inferno também, porque o inferno não acaba. Tanto o céu quanto o inferno são uma m... Não tem nada a fazer, você não conquista nada.

### **O paraíso é aqui mesmo.**

O paraíso é aqui. E o inferno também. Aliás, eu tinha uma tia que dizia isso: “o inferno não existe, o inferno é aqui”. É interessante isso... da eternidade... Em suma, o *Reino deste Mundo* é oposto à eternidade, sendo que a eternidade é uma m... e o reino deste mundo é só o que a gente tem.

**Os critérios acadêmicos que definem a boa literatura... Essa boa literatura tem que ser conjugada com as experiências também de mercado, porque vai ser de mercado, academia, a mídia... A mídia cada vez menos no Brasil, não é verdade? Que mídia hoje tem suplemento literário no Brasil? É muito pouco, não é? Eu quero te perguntar é isso: esses critérios que definem a boa literatura, tem até uma discussão se existe a alta literatura... se coincidem com os seus critérios.**

Não. Não coincidem. Eu sempre fui leniente com relação a gosto literário. Sempre achei que é melhor... qualquer gosto é melhor a gosto nenhum. Enfim, então, por exemplo, quando eu

era professor tinha essa contradição também. Qualquer coisa que o aluno lesse, eu aplaudia. Se lê muito mal, não só os alunos de Letras, muita gente lê muito mal. Você vê o que as pessoas têm em casa, na livraria ou as listas dos mais vendidos, é tudo muito ruim, não é? Agora, com que critério a gente diz que é ruim? Aí é que começa o problema. Nós, letrados...

### **E que é um problema político, também.**

Ah, sem dúvida, sem dúvida. Vamos dizer: o povo lê mal porque se instruiu mal, porque não tem referência. Eu vejo muito a questão das referências. A pessoa não tem referência para ler um escritor de qualidade, não tem nenhuma referência. Primeiro, porque os escritores de qualidade, eles problematizam através da forma, eles colocam problemas e se você não tiver o mínimo de instrução, de acumulação de leitura, você não se interessa por aquele... você nem sequer capta. Às vezes a pessoa lê um livro e não capta o problema que está contido ali. Também há muitos exemplos disso, muitos exemplos. Por exemplo: um dos livros que eu sempre achei fantástico foi *Macunaíma*. Desde a primeira vez que li e nunca consegui que... não me lembro de ter conseguido que um aluno gostasse de *Macunaíma*, não conseguia. Eu lia... eu não conseguia... Lia para eles e aí... é o negócio da referência, a pessoa precisa ter um mínimo de referência. Mas isso não acontece só na Literatura, por isso que eu acho que sou leniente. Acontece também, por exemplo, na Medicina. Tem um amigo, um menino jovem que eu conheci, um jovem médico, que ele foi para uma cidade chamada... uma cidade de Goiás... uma cidade que corresponderia no Brasil a Istambul, quer dizer, ali tem um conto de civilizações... Paracatu [lembra-se do nome da cidade de Goiás]... tem um conto de civilizações ali em Paracatu e o médico, ele trabalhou lá 10 anos... quando ele fala sobre Paracatu, ele só se queixa de que as mulheres são ignorantes, de que ele as manda fazer exames e elas não fazem, que manda tomar remédio e elas não tomam, que não cuidam dos filhos. Quer dizer, ele viveu em Paracatu 10 anos e não diz nada para ele. Ele não tem referências.

### **Olha, eu não sei o que é um “conto de civilizações” em Paracatu.**

Primeiro, tem ali uma civilização do couro, tem ali a civilização do ouro, da mineração e tem ali a civilização do tropeiro. O tropeiro que fazia ligações em diferentes partes do país. Comercializava charque... sem falar no substrato indígena. Sem falar no substrato indígena que aparece na língua, aparece em muitos comportamentos, aparece na cultura popular. Ali é uma das portas de entrada para o sertão. Mas é possível um jovem médico passar 10, 15 anos, talvez a vida inteira em Paracatu e não ver nada disso, porque ele não tem nenhuma referência... não tem nenhuma. Se perguntar para ele o que é civilização, o que é cultura... Eu disse uma vez para ele: mas Paracatu, pelo que eu sei, é sofisticadíssima. O que é sofisticação para ele? Não vê sofisticação ali, não é?... na maneira de vestir, na comida, por exemplo. Ele achou a comida de Paracatu horrível, também... é uma questão de gosto, até

certo ponto. Mas não compreender que ali tem uma cozinha... são essas coisas assim... isso não acontece só na Literatura, na Literatura também acontece isso: a pessoa lê muito mal porque não tem referência. Ela passa batido, aí, o que acontece? Ela vai se entreter com o *best-seller*.

**Eu acho que nessa sua fala, agora, você emendou com a próxima pergunta que eu tinha feito que era justamente falando sobre a boa literatura, se a literatura é um campo com fronteiras definidas e, aí, quando você dá exemplo de Paracatu, está mostrando justamente, pelo menos me parece, essa abertura de fronteiras. É um texto também que esse médico não soube ler, não teve referência para ler. Mas você acha que a literatura é um campo com fronteira definida? O que é literatura? Tem uma definição fechada?**

Não. Porque se a gente fechasse o campo... É o campo do livro? Não é? Se fechou. E a saga? E o teatro popular? E a literatura oral? Tudo isso é literatura.

**E agora, para complicar, ainda tem as pessoas que escrevem na internet.**

Ah, esse mundo aí eu não conheço. Acho que eu nunca li literatura na internet, mas eu estou sabendo que é um campo enorme, um campo fecundo.

**É, parece que é. Mas eu também não sou muito conhecedora.**

Você vai ver nesse livro desse menino, ele começou escrevendo pela internet, depois ele resolveu partir para o livro, que é interessante isso também. Alguns têm necessidade de ter a sua história, a sua ficção em livro, talvez por conta do prestígio que o livro ainda tem. O livro é como o teatro. No teatro, você não vai só por conta do conteúdo, por conta da peça, você vai porque quer ir ao teatro, acha isso? Assim como ir ao cinema, também. Tem um ritual.

**É. São fórmulas e são rituais. Agora, do jeito que eu percebo o mundo, é perfeitamente possível sentar em um banco ali embaixo e ir ao teatro. Tem cena, as pessoas se colocam em cena de determinada maneira, os personagens estão ali, tem dramas acontecendo.**

Então é o seguinte: tem teatro mas não é teatro, mas... Eu vou até lhe mostrar um seminário feito pelo Sesc de São Paulo que chama-se *teatralidade do humano*, em que aparece exatamente isso que você está dizendo: não é teatro mas tem teatro. E a minha parte ali foi falar sobre o bumba-meu-boi ou qualquer coisa assim.

**Aliás, ontem se tornou patrimônio imaterial, você viu?**

Vi. Vi na televisão. Boi é muito bonito!

**Você tem um escrito sobre o boi muito bonito...**

Ah, eu falo! Sempre me encantou demais! A primeira vez que eu vi, eu fiquei...

**Você era criança, Joel?**

Não!

**Você já era adulto quando viu pela primeira vez?**

Já era adulto. O boi-bumbá do Maranhão. Eu conhecia a história do boi etc., mas a primeira vez, eu estava lá para um evento, e cochilei. Quando foi mais ou menos onze horas, meia-noite, eu acordei com aquele ronco da... eles têm um instrumento que faz um ronco. Você sabe qual é, né? É matraca? Não, não é matraca. Um dos instrumentos de percussão faz um som que não é batido... aí, eu acordei com aquilo, fui para a janela, aí, vinha o boi.

**Isso foi em São Luís?**

São Luís, no centro da cidade.

**Ah, naquele centro histórico!**

E aí, eu até tinha uma discussão com o Olímpio. A gente concordava mas a discussão era: o que é mais lindo? Boi ou escola de samba? A gente decidiu que era o boi.

**Por quê?**

Não sei por quê. É demais! Aqueles sotaques, cada um diferente do outro. Aquilo é magnífico! Quando vem o boi! O boi mexe mais com a coisa que está lá no fundo para mim.

**É a temática do boi?**

Não. Não é a temática. Não sei o que é! Talvez... o boi é mais integral do que a escola de samba. A escola de samba, ao mudar, ela como que desintegrou. Tem a música, a coreografia, tem uma direção de desfile, tem teatro e o Boi é mais íntegro, talvez. Porque o ideal da obra de arte é a integridade, a unidade, recriar a unidade perdida. E o Boi me dá essa sensação de estar mais perto dessa recriação. A escola de samba parece que dividiu um pouco, desintegrou um pouco. Acho que o Boi é integral. É uma coisa... Você sabe, não é? Aquilo é maravilhoso! Madredeus<sup>5</sup> tem... você conhece São Luís?

**Eu estava lá agora em junho. Fomos eu e o Tomaz.<sup>6</sup> Levei o Tomaz para conhecer São Luís.**

---

<sup>5</sup> Bairro em São Luís, Maranhão.

<sup>6</sup> Tomaz Miranda, enteado da entrevistadora, é um dos compositores do “samba da Marielle”, samba enredo da escola de

E ele gostou?

**Sim, se encantou.**

São Luís é uma parada, não é?

**Fomos a Alcântara.**

Então, você vê aquilo que a gente estava falando: tem gente que vai a São Luís e passa batido.

**Não, a gente não conseguiu passar batido. Eu nunca consigo.**

Não, você não passaria. Vocês têm referência. Outro dia eu te falei do...

**E aquelas fogueiras no meio da rua também, esquentando o couro dos tambores. É impossível não parar para observar e se perguntar, e perguntar a eles...**

É o que tem ali de acumulação de arte. Uma referência, por exemplo, que eu te falei é o Daomé no Brasil. O Daomé está lá. Então, você vê um preto. O que um preto maranhense difere de um preto baiano? Você olha bem, você vê que tem. Tem uma engenharia genética diferente; o preto maranhense é outra coisa. Tem a ver também, claro, com a mestiçagem com os indígenas, isso tem a ver, mas de qualquer jeito, tem ali uma particularidade que muita gente não vai encontrar. Um exemplo disso, de falta de referência, eu dou na minha própria família: o meu pai, que era um cara esperto, todo mundo considerava inteligente, era lido. Ele passava pela Bahia, porque ele trabalhou viajando, ele passava pela Bahia e... ele só via sujeira lá na Bahia. Sujeira e macumba, que ele tinha medo de macumba. Ver a Bahia para ele não queria dizer nada; ele podia até ter tido essas referências porque ele era um estudioso, mas ele não tinha... a origem dos baianos, a densidade étnica... isso tudo passava batido para ele. Já para outros com referência... Não sei se eu já te contei uma vez, para mim inesquecível, que o Pierre Verger se queixou que... ele lamentou que tivesse quarenta e poucos anos de Brasil e ainda falasse português com sotaque. Te contei isso?

**Não.**

Ele disse assim: olha Joel, eu tenho inveja desses nigerianos que vem estudar aqui, que com um mês, dois meses aqui na Bahia já falam sem nenhum sotaque. Então... a Nigéria é aqui! Vive aí na fala baiana, no ritmo, aquele ritmo baiano... é o mesmo da Nigéria. Tanto que quando eles vêm da Nigéria, eles pegam o vocabulário, pronto! Falam que nem baiano. Então... essas referências assim é que eu acho que... voltando ao caso da literatura; a maioria dos nosso alunos não tem referências, o que não quer dizer que o nosso conceito de literatura... o nosso conceito de literatura não pode nos levar a uma forma de dominação,

---

samba Estação Primeira de Mangueira, de 2019.

que acho que é o que acontece nas faculdades de Letras de hoje de um modo geral, que é o seguinte: o chamado código culto. Você é capaz de ler um autor sofisticado, complexo; você acha que o que lê Paulo Coelho, o que lê só *best-seller*, o que lê livro de auto-ajuda, que tem que se submeter a você. A começar, institucionalmente. Por exemplo: você não considera o gosto do aluno quando você também tem um gosto, que é o gosto de quem domina o código culto. É outro gosto. Na questão do poema aparece isso também com clareza.

**A questão talvez seja como despertar também o interesse dessas pessoas que estão ali para estudar literatura pelas referências, não é? Pesquisar as referências que formam o texto.**

É um caminho. Eu acho que é um caminho. O outro caminho é a sedução. É você levar o aluno em um certo momento a dizer: “esse professor gosta disso, deve ser bom. Pelo menos não pode ser ruim, eu vou tentar”. Não é?

É.

Talvez isso você... ele vê que você... se você gosta e você gosta de outras coisas... Se você gosta de outras coisas, seu gosto não deve ser tão ruim assim, aí ele... acho que tem uma interrogação: “por que esse cara gosta desse livro?”, “por que ele gosta de Augusto dos Anjos?”, “por que ele gosta de sei lá o que for?”. É, aí o cara, acho que sim... acho que tem vários caminhos para você ganhar o aluno. Não tem um só. E talvez a média dos professores, por conta da sua formação, eles não querem ganhar o aluno. Eles querem mostrar superioridade porque isso... “meu lugar garante emprego”. Tem esse lado aí também, tem esse lado. Se o professor se mostra sensível ao gosto do aluno, ele perde um pouco de autoridade. E autoridade na vida acadêmica é salário, é grana. Ninguém vai, por exemplo, dar chefia de departamento, que implica lá uma gratificaçãozinha, pontos no currículo... ninguém vai dar para uma pessoa que acha que o gosto do aluno é respeitável. Isso no que se refere ao gosto. Agora, tem também o que se refere à expressão do aluno. Por exemplo, eu tive colegas<sup>7</sup> que, em provas, tiravam pontos de aluno de graduação, aluno de faculdade porque errou uma grafia de uma palavra e defendia isso com seus argumentos: “não, como é que você pode chegar na faculdade e não saber escrever?” ou coisas assim. São critérios... por um lado são aceitáveis, mas a gente tem que fazer a crítica desses critérios. Se você está preocupado em ganhar o aluno, você não vai tirar ponto dele em uma prova porque ele errou uma palavra, duas palavras ou a concordância, não é?

**Claro.**

---

<sup>7</sup> Joel Rufino dos Santos foi professor de Literatura na UFRJ.